

Michel Foucault e o Helenismo: subjetivação e cuidado de si

Michel Foucault and the Hellenistic: subjectivation and the care of the self

Federico Testa*

RESUMO: Este artigo visa discutir a imagem foucaultiana do helenístico, constituída a partir de uma visão heterodoxa de sua paisagem sócio-econômica, desenvolvida a partir das concepções e noções de poder e política internas aos desenvolvimentos da própria obra de Michel Foucault. Para isso, se realiza uma breve exposição da trajetória do pensamento de Foucault no que tange as noções de sujeito e poder, apontando o estudo das práticas relativas à produção de subjetividade, sujeição ou subjetivação, como finalidade última do estudo aprofundado e histórico das configurações das relações de poder. Após expor a paisagem histórica que o filósofo propõe do período helenístico, a partir das noções de capilarização e intensificação da política, discute-se os traços definidores do helenismo no que tange às práticas relativas à subjetividade, buscando apontar o cuidado de si como noção que define a feição deste. A idéia de cuidado de si e do helenístico como idade de ouro do cuidado de si levam à breve tematização e exposição de conceitos que Foucault mobiliza na explicação dessa noção, como espiritualidade e modo de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Helenismo. Subjetivação. Cuidado de si. Poder. Michel Foucault.

ABSTRACT: This paper intends to discuss the Foucauldian image of the Hellenistic period, based on an heterodox view of its social and economical landscape, developed on the basis of the conceptions and notions of power and politics presented on Michel Foucault's work. To do so, it presents a brief account of Foucault's thought trajectory, regarding the notions of subject and power, pointing the study of practices related the production of subjectivity, subjection, or subjectivation, as the ultimate purpose of the detailed and historical study of the settings of power relations. After presenting the historical landscape of the Hellenistic period that is suggested by the philosopher, departing from the notions of dissemination and intensification of politics, the paper discusses the defining traits of Hellenism in regard to the practices relating to subjectivity, pointing the care of the self as a notion that defines the shape of it. The idea of care of the self and of Hellenistic as the golden age of the care of the self leads to the discussion and brief presentation of concepts that Foucault mobilizes to explain this notion, as spirituality and way of life.

KEYWORDS: Hellenistic. Subjectivation. Care of the self. Power. Michel Foucault.

A trajetória teórica de Michel Foucault tende a ser caracterizada por uma ênfase quase irrestrita ao poder, marcada pelo desfalecimento das noções clássicas de subjetividade, e mesmo por

* Mestrando em Filosofia – PUCRS – Bolsista CNPq - Contato: testa.federico@gmail.com

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|--------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p.3-15 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|--------|

uma morte do sujeito. Das dinâmicas do poder disciplinar que, em *Vigiar e Punir*, engendram a subjetividade enquanto sujeição, resultante de configurações de relações de forças instauradas através dos mecanismos e tecnologias políticas sobre o corpo e a vida¹, o pensar foucaultiano se desloca – marcadamente nos últimos volumes da *História da sexualidade* e em *A hermenêutica do sujeito* – rumo a uma outra dimensão do próprio poder: a resistência e a subjetivação, contrapostas à sujeição². Cabe ter em mente que esse movimento, no entanto, não deve ser visto como meramente cronológico, considerando que a problemática do sujeito, de um *ethos* relacionado à instauração de si e da vida, do si como objeto de elaboração ou obra de arte, tal problemática trespassa a obra foucaultiana³. Isto fica claro no texto *O que é o Aufklärung?*, por exemplo, quando o autor assim define o ascetismo e a atitude moderna de Baudelaire, em sua tarefa de produzir a si mesmo: “not to accept oneself as one is in the flux of the passing moments; it is to take oneself as object of a complex and difficult elaboration”⁴.

Contrariando a ênfase ao pensamento foucaultiano como pensamento unilateral do poder e sobre o poder, o próprio Foucault aponta que o grande objetivo do estudo do poder se refere à questão do sujeito, afirmando que não foi seu objetivo “analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise”⁵. Assim, esclarece, “meu objetivo (...) foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos se tornaram sujeitos”⁶. Esses modos de constituição de sujeitos se vinculam, por sua vez, a formas específicas e localizadas de objetivação que transformam os seres humanos em individualidades e sujeitos. Assim, para Foucault, o sujeito nunca está dado, nunca é um ponto de partida – ainda que seja este o objetivo, o ponto de chegada da análise.

¹ Na entrevista a Roger-Pol Droit, *Gerir os ilegalismos*, sobre *Vigiar e Punir*, Foucault deixa claro este aspecto: “Creio que a identidade é uma das primeiras produções do poder, desse tipo de poder que conhecemos em nossa sociedade. Eu acredito muito, com efeito, na importância constitutiva das formas jurídico-político-policiais de nossa sociedade. Será que o sujeito (...) não seria o produto de um certo tipo de poder que se exerce sobre nós nas formas jurídicas antigas e nas formas policiais recentes? É necessário lembrar que o poder não é um conjunto de mecanismos de negação, de recusa, de exclusão. Mas, efetivamente, ele produz. Possivelmente produz até os próprios indivíduos” (DROIT, R-P. *Michel Foucault, Entrevistas*. Rio de Janeiro: Graal, 2006, p.84).

² “Foucault’s third mode of objectification represents his most original contribution. Let us call it ‘subjectification’. It concerns the ‘way a human being turns him – or herself into a subject’. This process (...) represents an important new direction in Foucault’s work (...). In these analysis, Foucault is primarily concerned with isolating those techniques through which the person initiates an active self-formation. This self-formation has a long and complicated genealogy; it takes place through a variety of ‘operations on [people’s] own bodies, on their own souls, on their own thoughts, on their own conduct” (RABINOW, P. (Ed.). *The Foucault reader: an introduction to Foucault’s thought*. New York: Penguin Books, 1991, p.11).

³ Rabinow salienta o problema do sujeito como central na produção foucaultiana, baseado-se no próprio Foucault, no texto *Sujeito e poder*: “My objective (...) has been to create a history of the different modes by which, in our culture, human beings are made subjects” (FOUCAULT *apud* RABINOW, P. (Ed.). *The Foucault reader: an introduction to Foucault’s thought*. New York: Penguin Books, 1991, p.7).

⁴ FOUCAULT, M. What is Aufklärung? In RABINOW, P. (Ed.). *The Foucault reader: an introduction to Foucault’s thought*. New York: Penguin Books, 1991, p.42.

⁵ FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.231.

⁶ FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.231.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p. 15-28 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|

Parte-se, para ele, dos processos de constituição de sujeitos em dois sentidos: o da subjetivação propriamente dita e o da submissão da subjetividade ou produção de um sujeito enquanto dominado, sujeitado, de um corpo dócil. Para pensar a questão do sujeito ou da subjetivação deve-se, de todo modo, atentar ao poder, a uma forma específica do mesmo. Segundo Foucault:

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana e imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a⁷.

Pensar o sujeito, ou os modos de objetivação que constituem sujeitos implica pensar o poder de forma não restrita ao legal e ao institucional. Daí ser necessário “estender as dimensões de uma definição de poder se quiséssemos usá-la ao estudar a objetivação do sujeito”⁸. No entanto, ao estender a noção de poder para tematizar as formas como as relações de poder constituem sujeitos, como também pensar as formas de constituição de sujeitos a partir de fora desse poder (ou articulando-o de modo a não engendrar processos de dominação), Foucault afirma ser necessário partir das resistências. Assim, a problemática do sujeito implica uma *nova economia* - teórica e prática - das relações de poder:

consiste em usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida (...), de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados. Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias⁹.

Partir das resistências, encarando elas próprias uma configuração das relações de forças e, por isso, remetendo elas próprias ao poder. Assim, pensar o poder não é somente pensá-lo em seu aspecto coercitivo, tornando insignificantes as relações de resistência, segundo aponta: “para compreender o que são as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações”¹⁰.

É a ênfase nesse *modus* do próprio poder que se acentua em seu retorno aos gregos a partir da noção de *cuidado de si*, verdadeira chave de leitura da história da filosofia e da espiritualidade gregas,

⁷ FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.235.

⁸ FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.232.

⁹ FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.234.

¹⁰ FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.234.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p. 15-28 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|

como das suas técnicas de si e práticas de subjetivação. Nesse direcionar-se aos gregos do helenismo, Foucault mobiliza práticas engendradoras de subjetividade, apontando que não só há uma genealogia da ética ou do sujeito ético (que, como fica claro em *A hermenêutica do sujeito*, se baseia num modo específico da relação entre sujeito e verdade), como também responde a um problema teórico em relação ao poder, no interior da própria obra foucaultiana. Isto significa mostrar o poder e suas articulações de forma não unilateral. Foucault o faz remetendo à própria produção do sujeito, através de práticas de si e de um relacionar-se consigo mesmo que, nas palavras de Cláudio Ulpiano¹¹ em sua interpretação spinozana, articula “forças que vêm de dentro” na produção de uma vida bela. Isto é, tais práticas são elas mesmas relacionadas às forças, a economia das relações de poder, à governamentalidade. Desse modo, nesse retorno aos antigos, Foucault confronta-se criticamente com a possível tendência em sua obra a acentuar as “forças que vêm de fora”, isto é, o poder coercitivo, mesmo quando encarado a partir de sua produtividade¹². O que transparece nesse movimento foucaultiano de visualizar o poder não unilateralmente, mas a partir de perspectivas diversas segundo seus modos de ação, segundo suas dimensões ativas e passivas, suas repressões e produções, é claramente caracterizado por Gilles Deleuze, ao apontar poder como *afeto*¹³:

Um exercício de poder aparece como um afeto, já que a própria força se define por seu poder de afetar outras forças (com as quais está em relação) e de ser afetada por outras forças. Incitar, produzir (...), constituem afetos ativos, e ser incitado, suscitado, determinado a produzir, ter um efeito ‘útil’, afetos reativos. Estes não são simplesmente a ‘repercussão’ ou o ‘reverso passivo’ daqueles [afetos ativos], mas antes o ‘irredutível interlocutor’, sobretudo se considerarmos que *a força afetada não deixa de ter uma capacidade de resistência*¹⁴.

Isso que significa dizer que, o desafio de Foucault, em sua ida aos gregos do helenístico e aos romanos e suas técnicas de si e modos de subjetivação, é enxergar o poder de maneira múltipla, plural e não unilateral, respondendo, assim, a questões, lacunas e problemas que seus trabalhos anteriores colocam. Isso porque é para o “irredutível interlocutor”, que se movem os últimos esforços de Foucault; para a resistência remetendo à ética e a estética de si enquanto formas de reorganizar a economia das relações de poder. Essa exploração da complexidade da noção de poder implica

¹¹ Aula sobre Spinoza, na qual utiliza-se da estética da existência em Foucault como uma espécie de exemplo de um spinozismo aplicado. Fonte: Centro de Estudos Cláudio Ulpiano: http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?page_id=567 (Acessado em 6 de abril de 2011).

¹² Pois, mesmo o poder em seu aspecto disciplinar, coercitivo, totalizante, se aproxima de uma positividade-produtividade, produz realidades, como a identidade do próprio sujeito individualizado. Essa produtividade do poder é clara nas funções da imagem, das operações e do conceito de *panóptico*, em *Vigiar e punir*.

¹³ Como veremos, a própria noção de *afeto* é central na abordagem de Foucault do problema da subjetivação. Vemos longos trechos dedicados à noção de paixão, *affectio* e *pathos*, seja na *História da sexualidade*, seja na *Hermenêutica do sujeito*. Tal noção estabeleceria o campo comum, o do cuidado e cura das afecções, da filosofia e da medicina entre o antigos.

¹⁴ DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2006, p.79.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p. 15-28 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|

necessariamente falar em *afeto*, categoria central nas filosofias e na medicina grega estudadas neste último momento da trajetória foucaultiana, por exemplo, em Plutarco¹⁵.

Na leitura deleuzeana de Foucault, o afeto, em seu aspecto transversal e relacional, é a propriedade definidora da força. Assim, tal movimento, segundo a leitura de Deleuze, implica também falar no que chama de “irredutível interlocutor”, ou seja, *resistência* - pois, “a última palavra do poder sobre a força é que a resistência tem o primado”¹⁶. Na paisagem conceitual em questão, pensar nesse primado, ou pensar positivamente a resistência, equivaleria a pensar numa constituição da subjetividade, bem como na instauração um modo de vida (vida bela), a partir de regras e práticas de si para consigo, perspectivando assim a ênfase inicial foucaultiana da subjetividade enquanto sujeição produto do poder disciplinar¹⁷. Paul Rabinow aponta para uma unidade teórica entre aquilo que chama as práticas de divisão e sujeição e os processos de subjetivação na obra de Foucault. Segundo afirma, esses dois momentos podem ser efetivamente combinados, ainda que se mantenham analiticamente distintos, conforme demonstraria o próprio Foucault na *História da Sexualidade* e em *Vigiar e Punir*¹⁸. É em relação a essa continuidade, a essa combinação, entre esses dois pólos, que situamos a problematização do sujeito em relação ao poder, nos movimentos conceituais de Foucault.

Sob a ótica de uma ética e de uma estética de si, buscar-se-á ressaltar, então, em alguns pontos das leituras que Foucault faz da cultura de si (suas práticas definidoras, bem como suas filosofias), sua interpretação singular do período helenístico, constituída a partir de sua noção de poder, e do primado do *cuidado de si*. Para isso, se faz necessário apresentar a imagem foucaultiana do período helenístico e da filosofia que aí se movimenta. Para tanto, é interessante ao menos esboçar a relação do pensamento foucaultiano com a história, esclarecendo assim as razões pelas quais a imagem do helenístico ou do helenismo é central à genealogia da ética, e constitutiva da própria análise das práticas de constituição do sujeito, esboçada por Foucault em *A hermenêutica do sujeito* - na qual essa imagem vem mesmo nomeada como fruto de um trabalho de antropologia histórica¹⁹ - e na *História da sexualidade*. Segundo Salma Muchail²⁰, Foucault faz filosofia investigando a história, e aprofunda-

¹⁵ FOUCAULT, M. *História da sexualidade*, 3: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.59.

¹⁶ DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2006, p.96.

¹⁷ Compreender as resistências, aqui, leva Foucault a uma história que é não a da sujeição, mas a das práticas de subjetivação, pensadas positivamente e como anteriores ao próprio controle e expansão do poder sobre a vida, que incomparavelmente o autor descreve, por exemplo, em *Vigiar e Punir*. Poder-se-ia fazer uma analogia com o movimento teórico que Roque aponta em Negri: “Mas, para compreendê-las, é fundamental partir de um uma 'outra história', não a do poder, não a do domínio nem a do controle, mas a da resistência que é anterior ao domínio e ao controle, e provoca suas mutações”. Trata-se de “pensar positivamente as resistências” (ROQUE, T. *Prefácio* in: NEGRI, A. *Kairòs, Alma Venus, Multitudo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.14).

¹⁸ RABINOW, P. (Ed.). *The Foucault reader: an introduction to Foucault's thought*. New York: Penguin Books, 1991, p.11.

¹⁹ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

²⁰ MUCHAIL, S. Foucault e a história da filosofia. *Tempo Social*; Revista de Sociologia da USP, São Paulo, VII, 1-2 (outubro de 1995): pp15-20.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p. 15-28 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|

se na pesquisa histórica, investindo-a de feição filosófica. Muchail aponta que, em Foucault, não se trata do procedimento padrão centrado na indagação pelo modo correto de ler os filósofos ou as filosofias já constituídas, o que ela chama de “teoria” ou “filosofia da história da filosofia”²¹. Não se trataria, também, de uma tomada da história da filosofia como via ou como tema de sua própria elaboração filosófica²², ainda que os trabalhos em *A hermenêutica do sujeito* se aproximem mais desse tipo de movimento. Segundo a autora, Foucault faz filosofia escrevendo histórias²³, isto é, tomando objetos históricos particulares, por vezes marginais, e dotando-os de consistência filosófica. Não os toma, no entanto, como condições históricas exteriores ao filosofar, mas como modo de operar ou matéria para o mesmo. Para Foucault, assim, trata-se de incluir as “filosofias em conjuntos heterogêneos de saberes e práticas sociais”²⁴. A presença destes conjuntos tomados ao universo cultural dos antigos é clara; seja a cultura e as práticas de si, do trabalho de si sobre si mesmo e técnicas de si (meditação, escrita de si, prática da escuta, das provas, etc) em sentido mais amplo, tal como em *A hermenêutica do sujeito*; seja em sentido mais estrito das práticas relativas à sexualidade, sem, no entanto, perder de vista este horizonte mais amplo de práticas, nos volumes segundo e terceiro da *História da sexualidade*. Cabe acrescentar que esta operação histórica é realizada em função do presente, visando provocar um pensamento novo sobre problemáticas do presente (no caso, a tarefa ética e política da produção de uma subjetividade não sujeitada²⁵). Segundo Muchail,

as investigações históricas de Foucault, precisamente por sua dimensão genealógica, debruçam-se sobre o passado para elucidar o presente relativamente às diferenças com o que o precede e para mobilizá-lo relativamente às diferenças que, introduzidas por nossa intervenção, poderão suceder²⁶.

O pensamento de Foucault sobre o helenismo, fazendo-se aparentemente em tensão com a tradição historiográfica dominante, acompanha essa complexificação no tratamento do poder em seu

²¹ MUCHAIL, S. Foucault e a história da filosofia. *Tempo Social*; Revista de Sociologia da USP, São Paulo, VII, 1-2 (outubro de 1995), p.15.

²² MUCHAIL, S. Foucault e a história da filosofia. *Tempo Social*; Revista de Sociologia da USP, São Paulo, VII, 1-2 (outubro de 1995), p.15.

²³ MUCHAIL, S. Foucault e a história da filosofia. *Tempo Social*; Revista de Sociologia da USP, São Paulo, VII, 1-2 (outubro de 1995), p.15.

²⁴ MUCHAIL, S. Foucault e a história da filosofia. *Tempo Social*; Revista de Sociologia da USP, São Paulo, VII, 1-2 (outubro de 1995): p.18.

²⁵ Segundo Foucault: “o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado nem das instituições do Estado, porém nos liberarmos tanto do Estado quanto do tipo de individualização que a ele se liga. Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos”. FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.239. Ou ainda: a constituição de uma ética do eu, enquanto produção da resistência a partir da relação de si para consigo como “tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável” de nossos dias. FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.225.

²⁶ MUCHAIL, S. Foucault e a história da filosofia. *Tempo Social*; Revista de Sociologia da USP, São Paulo, VII, 1-2 (outubro de 1995): p.18.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p. 15-28 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|

aspecto múltiplo: seja em suas dinâmicas de não homogeneização, seja em suas diferentes escalas e níveis - de uma macropolítica dos impérios, a uma política local das cidades, ou a uma micropolítica do si ou das associações efetivadas pela filosofia, como o *Képos* comunitário epicurista, ou as demais escolas de filosofia. Tal imagem aparece seja ao longo das aulas de *A hermenêutica do sujeito*, seja no capítulo o *Jogo político* de *O cuidado de si* (terceiro volume da *História da sexualidade*). Como aparece a paisagem histórica, política e filosófica do período helenístico em Foucault?

A filosofia e a paisagem foucaultiana do helenismo: Abrigo contra a tempestade ou mar de forças ondulando e tempestuando?

O helenismo é tradicionalmente caracterizado como um período de sincretismo, bem como de decadência dos valores clássicos helênicos, como também das formas de vida e pensamento a eles correspondentes. Seria o declínio e ocaso da experiência política da democracia, da *ágora* e da *pólis*, marcantes do período clássico e central no desenvolvimento da filosofia. Tal modificação arrastaria consigo o conceito de cidadania e de política que a *pólis* tinha em seu centro, principalmente porque teria produzido uma nova configuração do poder em uma macropolítica dos Impérios, distante e indiferente ao local e à homogeneização dos cidadãos tornados súditos. Nessa caracterização do helenismo como declínio, o homem grego teria se tornado cindido, conforme Reale e Antiseri²⁷ haveria uma separação entre homem e cidadão e, por sua vez, entre ética e política. A impotência do cidadão frente à cidade e à política abriria, por outro lado, uma nova dimensão, a do indivíduo, como uma espécie de evasão para as questões do si como resultante de um distanciamento das questões sociais e políticas. Aponta Foucault:

O declínio das cidades-Estado enquanto entidades autônomas a partir do século III a.C., é um fato conhecido. Frequentemente considera-se isso como o motivo de um recuo geral da vida política lá onde as atividades cívicas tinham constituído, para os cidadãos, um verdadeiro ofício; reconhece-se nesse fato a razão de uma decadência das classes tradicionalmente dominantes; e procura-se suas conseqüências num retraimento para si através do qual os representantes desses grupos privilegiados teriam transformado essa perda efetiva de autoridade em retiro voluntário, atribuindo desse modo cada vez mais valor à existência pessoal e à vida privada²⁸.

Desse modo, segundo essa interpretação, a arte do viver, ou a filosofia em suas novas disposições no helenismo corresponderia diretamente a essa perda das possibilidades políticas dos grupos dominantes, e a esse declínio dos valores políticos do século de Péricles, configurando-se como evasão, fuga. Em todo caso, como expressão triste de uma

²⁷ REALE, G. e ANTISERI, D. *História da filosofia: Antigüidade e Idade média*. São Paulo: Paulus, 1990, p.228.

²⁸ FOUCAULT, M. *História da sexualidade, 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.88.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p. 15-28 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|

volta do indivíduo sobre si, incapaz de sustentar, perante seus olhos, entre suas mãos, por ele próprio, uma moral coletiva (a da cidade, por exemplo), e que, em face do deslocamento da moral coletiva, nada mais então teria senão ocupar-se consigo²⁹.

Uma espécie de cultivo egoístico da individualidade e da autonomia como “abrigo da tempestade”, como espécie de última possibilidade frente a um mundo tornado demasiadamente grande:

as pessoas se sentiam sob a égide de poderes mundiais que não podiam controlar nem mesmo modificar (...). As filosofias da idade helenística eram essencialmente filosofias da evasão, e o principal meio dessa evasão era o de cultivar a autonomia³⁰.

Na nota 47 de Frédéric Gros ao manuscrito da *Aula de 6 de janeiro de 1982*, presente em *A hermenêutica do sujeito*, confirma-se o conflituoso terreno das interpretações do helenístico, no qual predomina a imagem descrita acima. A tese de que o filósofo do helenístico, sob a nova configuração sociopolítica, não mais encontra, “com o que desdobrar livremente sua ação moral e política (...) e que encontra no *eu* uma saída aviltante, tornou-se um *tópus*, senão uma evidência incontestada da história da filosofia³¹. A concepção foucaultiana do helenismo difere, entretanto, dessa descrição “incontestada”. Por um lado acompanha, ainda segundo a nota 47, a discussão crítica de Louis Robert, cujos artigos “tornaram caduca essa visão do grego perdido em um mundo grande demais e privado de sua cidade³². A visão de Foucault acompanha, por outro lado, seu próprio movimento ou trajetória na questão do poder, isto é, capilarização, multiplicação dos centros, nós, pontos de articulação, engrenagens. Para Foucault, o helenismo se configura politicamente não só pela integração do poder em grandes estruturas da política – os Impérios, mas também por microfísicas, por dinâmicas mais sutis em outros âmbitos. Por isso, conforme aponta, a configuração das monarquias helenísticas ou do Império romano:

não pode ser analisada simplesmente nos termos negativos de uma decadência da vida cívica, e de uma confiscação do poder por instâncias estatais cada vez mais longínquas. Convém, ao contrário, sublinhar que a atividade política local não foi abafada pela instauração e pelo reforço dessas grandes estruturas globais; a vida das cidades, com suas regras institucionais, suas articulações, suas lutas, não desaparece

²⁹ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.13.

³⁰ FERGUSON *apud* FOUCAULT, M. *História da sexualidade, 3*: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.88.

³¹ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.23

³² FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.23.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p. 15-28 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|

Michel Foucault e o Helenismo: subjetivação e cuidado de si

em consequência da ampliação do quadro em que se inscreve, nem por contragolpe ao desenvolvimento de um poder de tipo monárquico³³.

Desse modo, para Foucault, “a angústia face a um universo demasiadamente vasto, que teria perdido suas comunidades políticas constituintes”³⁴ pode ser uma imputação retrospectiva a qual se deve criticar. Segundo Gros, na nota 27, para Foucault, “trata-se, primeiramente, de contestar a tese de um esfacelamento do quadro político da cidade nas monarquias helenísticas”³⁵. Essa crítica deve passar por uma cartografia do complexo espaço político do helenismo, que sinalize as articulações entre poderes locais das cidades com o poder centralizado do império, salientando a mudança do papel desempenhado pelos grupos dominantes, agora legitimados pela idéia de mediação, na relação do poder local com as instâncias distantes do poder imperial. Isso significa que o quadro político das monarquias no helenístico, não se buscou “suprimir, frear, e até mesmo reorganizar inteiramente os poderes locais”, mas sim apoiar-se “sobre eles e servir-se deles como intermediários e pontos de articulação...”³⁶. Diferentemente de um esfacelamento e um esvaziamento do político no âmbito das cidades, tratar-se-ia de intensificação e proliferação de instâncias políticas, como fica claro numa das descrições trazidas em *O cuidado de si*, na seção *O jogo político*:

Em vez de uma redução ou de uma anulação das atividades políticas, pelos efeitos de um imperialismo centralizado, convém pensar na organização de um espaço complexo: muito mais vasto, muito mais descontínuo, muito menos fechado do que poderia sê-lo o espaço das pequenas cidades-Estado, ele também é mais flexível, mais diferenciado, menos estritamente hierarquizado do que, mais tarde, será o Império autoritário e burocrático que, após a grande crise do século III, tentar-se-á organizar. É um espaço onde os focos de poder são múltiplos, onde as atividades, as tensões, os conflitos são numerosos, onde eles se desenvolvem de acordo com várias dimensões, e onde os equilíbrios são obtidos por meio de transações variadas³⁷.

Aparece de maneira clara na abordagem foucaultiana do helenismo a crítica à idéia de filosofia-abrigo, ou de uma filosofia cindida do mundo da política, que deve constituir a ética a partir dessa cisão no espaço de um individualismo irredutível e apolítico, no âmbito do qual cada indivíduo ocupa-se consigo, buscando na filosofia uma forma de ruptura de vínculos sociais. Gros, nota que, para Foucault, se trata de “mostrar (...) que o cuidado de si fundamentalmente se define mais como modo de viver-junto que como um recurso individualista”³⁸. E que o helenístico se configura também pela introdução e pela tematização filosófica de novos vínculos sociais e relações de alteridade, novas

³³ FOUCAULT, M. *História da sexualidade, 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.89.

³⁴ FOUCAULT, M. *História da sexualidade, 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.88.

³⁵ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.24.

³⁶ FOUCAULT, M. *História da sexualidade, 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.89.

³⁷ FOUCAULT, M. *História da sexualidade, 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.88.

³⁸ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.24.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p. 15-28 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|

formas de vida social e de relação com o outro, o que fica claro ao longo das aulas de *A hermenêutica do sujeito*³⁹.

A filosofia não seria, então, a alternativa a um mundo sem cidade, mas a própria imagem da complexificação política da cidade. Não um abrigo contra a tempestade, mas uma inerência, para usar a expressão nietzscheana, a um mundo que aparece como “mar de forças ondulado e tempestuando”⁴⁰. Ainda, conforme a crítica de Foucault:

Os gregos da época helenística não tiveram que fugir ‘do mundo sem cidade dos grandes impérios’ pela excelente razão que ‘o helenismo era um mundo de cidade’; e criticando a idéia de que a filosofia teria constituído, após o desmoronamento do sistema das cidades, ‘um abrigo contra a tempestade’, F.M. Sandbach observa primeiro que, no passado ‘as cidades-Estado nunca tinham dado segurança’ e, em seguida, que elas continuaram a ser a forma primeira e normal da organização social ‘mesmo depois que o poder militar passou para as mãos das grandes monarquias’⁴¹.

A partir do esboço dessa imagem foucaultiana do helenismo, as filosofias helenísticas não podem ser caracterizadas como decadência ou simplificação das questões do período clássico, nem mesmo como mecanismo de evasão rumo a questões privadas. Pelo contrário, há um singularização de questões que incidem política e eticamente na paisagem do helenismo, em relação a essa complexidade de sua cartografia política assim caracterizada: 1) ampliação, integração e molarização das estruturas de poder; 2) capilarização, multiplicação e molecularização da política. Tal dinâmica fica clara nas relações que Foucault descreve entre os impérios e os poderes locais.

A maneira de situar a filosofia na paisagem do helenístico adotada por Foucault é localizá-la no horizonte de uma cultura de si ou do cuidado de si. Aqui se coloca a questão central das práticas de subjetivação nos antigos, bem como o movimento caracterizante das filosofias helenísticas e do próprio helenismo como “idade de ouro do cuidado de si, seja como noção, prática ou instituição”⁴². Tentemos, então, de forma breve apresentar as coordenadas dessa noção central na abordagem foucaultiana do helenístico, o cuidado de si, lembrando que ela se articula com uma paisagem política complexa e intensa, e, de alguma maneira, a complementa e expande.

³⁹ Por exemplo, na aula de 10 de março de 1982, o autor ressalta “a importância, tão tradicional nos meios epicuristas, da amizade recíproca dos discípulos uns pelos outros” que, na vida comunitária e em relações horizontais (entre si) e verticais (que remetem, em última análise, à própria figura de Epicuro), “devem salvar-se uns aos outros, salvar-se uns pelos outros”. FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.349.

⁴⁰ NIETZSCHE, F. *A vontade de potência*, §1067. O filósofo apresenta o mundo como “jogo de forças e ondas de força ao mesmo tempo um e múltiplo, aqui acumulando-se e ao mesmo tempo ali minguando, um mar de forças tempestuando e ondulado em si próprias, eternamente mudando, eternamente recorrentes, com desconhecidos anos de retorno, com uma vazante e enchente de suas configurações, partindo das mais simples às mais múltiplas...”.

⁴¹ FOUCAULT, M. *História da sexualidade*, 3: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.88.

⁴² FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.75.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p. 15-28 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|

Cuidado de si e espiritualidade

O horizonte do helenismo, tal como o desenha Foucault, se relaciona à “longa história da noção de cuidado de si”. Assim, se quisermos chegar a uma aproximação efetiva da imagem que o autor faz do helenismo, devemos sinalizar as coordenadas dessa idéia chave, bem como das práticas e atividades que são dela indissociáveis⁴³.

O cuidado de si se constitui, conforme aponta em *A hermenêutica do sujeito*, a partir de seu enraizamento em práticas antigas, “maneiras de fazer, modalidades de experiência que constituíram seu suporte histórico” quando emerge como imperativo filosófico⁴⁴. Foucault situa a *epiméleia heautoû* numa história da subjetividade, das práticas de subjetividade⁴⁵. O cuidado de si apontaria para: 1) “o tema de uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro”⁴⁶; 2) “uma certa forma de atenção, de olhar (...), implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento”, através de exercício e meditação; 3) “ações que são exercidas de si para consigo (...) pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos, nos transfiguramos” através de técnicas e práticas⁴⁷.

Este último ponto aponta para um dos temas centrais das aulas reunidas em *A hermenêutica do sujeito*, a relação entre subjetividade e verdade. Segundo Foucault, o cuidado de si apresenta uma forma específica dessa relação na espiritualidade, que, nas doutrinas do helenismo é inseparável da filosofia⁴⁸. Na espiritualidade, a verdade só é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo seu próprio ser; o que significa que não pode haver acesso à verdade sem uma transformação do sujeito realizada através de um trabalho espiritual efetivado em práticas e exercícios de si que, por sua vez, instauram uma forma ou estilo de vida. É ao compor esta forma que o sujeito se torna apto à verdade que procura. Devo me transformar para acessar a verdade⁴⁹. É necessário que viva de uma forma que faça

⁴³ “Portanto, jamais esqueçamos: *epiméleia/epimélesthai* remete a formas de atividade”. FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.78.

⁴⁴ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.44.

⁴⁵ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.12.

⁴⁶ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.11.

⁴⁷ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.12.

⁴⁸ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.17.

⁴⁹ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.16.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p. 15-28 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|

possível o acesso a essa verdade. Além disso, a verdade é vista não somente como consequência de um trabalho realizado, trabalho de transformação, preparação, exercício e mudança de si para conquistar o direito de acesso a ela, como também essa verdade é vista em seus efeitos de “retorno sobre o sujeito”. Nesse modo de relação, a verdade pode efetivamente *salvar* o sujeito, propiciar tranqüilidade da alma e beatitude⁵⁰. Segundo Foucault, “na verdade e no acesso à verdade, há alguma coisa que completa o próprio sujeito (...), o ser mesmo do sujeito, e que o transfigura”⁵¹. O sujeito age, como age a verdade sobre ele, produzindo um novo modo de vida, uma nova atitude frente ao mundo, um novo *ethos*, algo que o completa e instala nessa verdade – uma vida ‘nova’ em função da verdade, e a verdade em função da vida.

É nesse cruzamento entre cuidado de si, filosofia e espiritualidade que Foucault tematiza as filosofias helenísticas, entre elas o epicurismo, apontando para “toda uma tecnologia de si que estava em relação com o saber”⁵² e que configura “a filosofia como guia ou terapia da alma”⁵³. No âmbito dessa filosofia, a relação do sujeito com a verdade aparece desse modo, na produção de formas de vida, de uma forma de viver para alcançar a verdade e de viver segundo essa verdade, produzir a partir dela um *ethos*, ser sujeito ético dessa verdade da qual se é sujeito de conhecimento. Assim, para as filosofias do período helenístico e imperial, a filosofia se coloca em nível prático, ou no âmbito de práticas que engendrem, a partir de discursos verdadeiros, formas de vida. Filósofa-se para viver de determinada forma, para ser sujeito ético dessa filosofia. A filosofia apresenta-se então como arte de viver. Não viver em abrigo à tempestade, mas podendo enfrentá-la, enfrentar este mundo mar de forças, poder constituir a si mesmo, a partir do cuidado e das práticas de si, na vida ativa no mundo. Muito distante de um individualismo escapista, a ética do cuidado de si aparece como pertinente à cena do período helenístico, na qual é generalizada e difundida. Esta atitude ética deve se constituir, assim, em meio a um mundo política e socialmente tumultuado, complexo, atravessado por múltiplas relações de poder, alteridade e novas formas de relações sociais. Nessas, o indivíduo não se encontra afastado da política, mas sim lançado em novos e intensos tipos de configurações e diagramas das forças, do poder: microfísicos, moleculares, capilarizados – que se relacionam e mesmo compõem as grandes estruturas políticas do Império. Até aqui, localizamos um ponto que fica em aberto em nossa

⁵⁰ A noção de *salvação* (*Sózein, Sotería*) é central na discussão sobre cuidado de si; na época helenística e romana, “a salvação funcionava como noção filosófica, no campo mesmo da filosofia. A salvação se tornou (...) objetivo da prática e da vida filosóficas”; a noção pode ter ainda sentido político, central na problematização que estamos a propor, a partir da qual salvação se equipara a resistência, a “escapar a uma dominação” ou a uma coerção. FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.166.

⁵¹ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.16.

⁵² FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.44.

⁵³ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.46.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p. 15-28 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|

exposição; a tarefa de penetrar nessas formas de viver-com que o cuidado de si inaugura e nas quais se baseia, isto é, perguntar com Foucault: “qual é (...) a ação do outro que é necessária à constituição do sujeito por ele mesmo?”⁵⁴ e sondar a partir dela os modos políticos e as mediações institucionais⁵⁵ e filosóficas das relações sociais necessárias ao cuidado de si. Esse percurso seria central na configuração essa paisagem política do helenismo, da qual buscamos apresentar as linhas gerais. Pois, no helenístico bem como no período imperial romano, “A constituição de si como objeto suscetível de polarizar a vontade, de apresentar-se como objeto, finalidade livre, absoluta e permanente da vontade, só pode fazer-se por intermédio de outro”⁵⁶.

Referências

- DELEUZE, G. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant’Anna Martins; revisão da tradução: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero; introdução traduzida por Antonio Maia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- DROIT, R-P. *Michel Foucault, Entrevistas*. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Carneiro; coordenação editorial de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. *Ética, sexualidade, política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Barbosa; organização e seleção de textos: Manoel da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Série Ditos & escritos, v.5.
- _____. *História da sexualidade, 2: O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. *História da sexualidade, 3: O cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. *Vigiar e punir*. Tradução de Ligia Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1984.
- MUCHAIL, S. Foucault e a história da filosofia. *Tempo Social*; Revista de Sociologia da USP, São Paulo, VII, 1-2 (outubro de 1995).

⁵⁴ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.121.

⁵⁵ Foucault sinaliza constantemente ao longo da *Hermenêutica do sujeito* a insuficiência do indivíduo isolado na prática do cuidado de si. Este princípio possui, desde Platão, nos Diálogos, marcadamente no *Alcibíades*, finalidade política de preparação dos jovens para o exercício do poder previsto por sua condição estatutária (estando aí uma dimensão fundamentalmente sócio-política dessa ética). No helenismo, os filósofos tornaram-se conselheiros das grandes figuras políticas, influenciando diretamente nas suas ações, bem como diretores de consciência dos grandes atores – operadores do cuidado de si (aqueles que cuidam do cuidado de si de quem precisa governar a si mesmo para governar os outros). Além disso, as mediações institucionais são apresentadas como dimensão essencial ao cuidado de si, isto é, os modos de relação e organização sociais necessários para que o indivíduo cuide de si. Uma mediação essencial é a escola (*Scholé*), na qual se realiza uma vida comunitária, uma existência com o outro, por vezes rigidamente hierárquica, por vezes organizada através do importante preceito da amizade. FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.122.

⁵⁶ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.121.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p. 15-28 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|

NEGRI, A. *Kairòs, Alma Venus, Multitudo*. Tradução de Orlando dos Reis e Marcello Lino. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RABINOW, P. (Ed.). *The Foucault reader: an introduction to Foucault's thought*. New York: Penguin Books, 1991.

REALE, G. e ANTISERI, D. *História da filosofia: Antigüidade e Idade média*. São Paulo: Paulus, 1990.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.4 – Nº. 1 | Julho 2011 | p. 15-28 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|----------|